

Globethics Repository

The logo consists of the word "Globethics" in white, sans-serif font, centered within a solid blue rectangular background.

Estudar a história dos tempos profundos da imagem
signifia também buscar raízes da própria escrita
[Studying the history of the profound times of the
image also means finding roots in the writing itself]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-16 14:31:35
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/159762

“Estudar a história dos tempos profundos da imagem significa também buscar raízes da própria escrita”

As pesquisas que investigam uma arqueologia da mídia englobam naturalmente os estudos sobre a comunicação visual, diz Norval Baitello Junior

POR MÁRCIA JUNGES E THAMIRIS MAGALHÃES

“**S**abemos que a comunicação imagética precede à comunicação alfabética, o que confere à imagem algo como uma paternidade sobre a escrita. Estudar a história dos tempos profundos da imagem significa também buscar raízes da própria escrita”, assevera Norval Baitello Junior, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Para ele, temos uma relação complexa com a imagem, “pois somos geradores compulsivos delas”. E completa: “elas não apenas nos afastam das coisas, como também nos aproximam, paradoxalmente. E as imagens nascem no trânsito entre os ambientes endógeno e exógeno”. Tal trânsito, para Norval, constitui a alma e o poder das imagens para os seres humanos. “Elas nos capturam o olhar porque nasceram na escuridão de nossas ‘cavernas’, os sonhos e a imaginação. Por isso, quando as imagens se proliferam nos ambientes externos, como inflação de imagens exógenas, somos coagidos a restringir o acesso a nossas próprias imagens endógenas, deixando progressivamente de exercer a capacidade de imaginação”.

Norval Baitello Junior é doutor em Ciências da Comunicação e em Literatura Comparada pela Universidade Livre de Berlim, com pós-doutorados no Instituto de Sociologia da Universidade Livre de Berlim e no Centro Internacional de Pesquisas em Ciências da Cultura - IFK, em Viena. É professor titular da PUC-SP, atuando na Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. É pesquisador do CNPq. Fundou e dirige o Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Semiótica da Cultura e da Mídia - CISC desde 1992. É professor visitante das Universidades de Viena e Sevilha. É coordenador de área (Comunicação e Ciências da Informação) na Fapesp desde 2007. É autor, dentre outros, de *A serpente, a maçã e o holograma - esboços para uma teoria da mídia* (Ed. Paulus, 2010), *La era de la iconofagia* (Ed. Sevilha, 2008) e *Os meios da incomunicação* (São Paulo: Annablume, 2005). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em que aspectos a arqueologia da imagem tem conexões com a arqueologia da mídia?

Norval Baitello Junior - Os estudos que investigam uma arqueologia da mídia englobam naturalmente as pesquisas sobre a comunicação visual. Sabemos que a comunicação imagética precede à comunicação alfabética, o que confere à imagem algo como uma paternidade sobre a escrita. Estudar a história dos tempos profundos da imagem significa também buscar raízes da própria escrita.

IHU On-Line - Partindo da obra *Die Antiquiertheit des Menschen*¹, como

analisa a obsolescência da vida, do corpo e do homem diante das estratégias midiáticas cuja principal ferramenta é a imagem?

Norval Baitello Junior - Anders² falou, em sua notável e pioneira obra, de um fenômeno que ele mesmo denominou “iconomania”, uma mania dos ícones,

2 Günther Anders pseudônimo de Günther Stern (1902-1992): jornalista, filósofo e ensaísta alemão de origem judaica. Doutorou-se em filosofia, em 1923, sob a orientação de Edmund Husserl, tendo sido aluno de Heidegger e Cassirer. Foi colega de Hannah Arendt, com quem foi casado entre 1929 e 1936. No Brasil, é mais conhecido por seu ensaio *Kafka: Pró & Contra* (1946), no qual reavalia a importância de Franz Kafka no contexto imediatamente posterior à Segunda Guerra Mundial, quando a obra do escritor tcheco corria o risco de ser mal compreendida ou reduzida a interpretações simplistas. (Nota da IHU On-Line)

das figuras, da comunicação visual, algo como uma adoração obsessiva pela imagem visual. Isto significa que espaços antes ocupados pela presença física, pela conversa e pela voz, pelo gesto vivo, passam a ser ocupados por registros artificiais - animados ou inanimados - fotos ou filmes. E que tais registros passam a ocupar cada vez mais espaços em todos os ambientes humanos. Ora, se compreendemos que uma imagem é a presença de uma ausência, temos que concordar com Anders que o humano desaparece progressivamente dando espaço a traduções bidimensionais, despidas de corporeidade, calor, vida e presença física.

1 *Die Antiquiertheit des Menschen* (Munich: Beck, 2002). (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - Como podemos compreender os limites e possibilidades que se descortinam para o sujeito a partir da sua relação com a imagem?

Norval Baitello Junior - Temos uma relação complexa com a imagem, pois somos geradores compulsivos delas. Elas não apenas nos afastam das coisas, como também nos aproximam paradoxalmente. E as imagens nascem no trânsito entre os ambientes endógeno e exógeno. Tal trânsito constitui a alma e o poder das imagens para os seres humanos. Elas nos capturam o olhar porque nasceram na escuridão de nossas “cavernas”, os sonhos e a imaginação. Por isso, quando as imagens se proliferam nos ambientes externos, como inflação de imagens exógenas, somos coagidos a restringir o acesso a nossas próprias imagens endógenas, deixando progressivamente de exercer a capacidade de imaginação.

IHU On-Line - Nesse sentido, como podemos compreender as “máquinas de imagem” às quais se refere Ziehlinski?

Norval Baitello Junior - Sempre foi um sonho do homem atingir a animação do inanimado. A imagem estática sempre esteve associada ao retrato dos mortos (*imago* para os romanos era máscara mortuária). Assim, desde muito cedo se buscava inventar um meio para mover

“Temos uma relação complexa com a imagem, pois somos geradores compulsivos delas. Elas não apenas nos afastam das coisas, como também nos aproximam paradoxalmente”

a imagem, como resgate da vida perdida na fixação (por meio do desenho ou da pintura). A invenção de aparatos que ofereciam a ilusão do movimento às imagens, portanto, sempre esteve presente e quando tais aparatos, em suas formas primordiais, mesmo que toscas, surgiram, tiveram um grande impacto sobre o imaginário.

IHU On-Line - Por que se pode falar de uma crise da visibilidade, com uma hegemonia da visão e uma sedação dos sentidos? O que tal constatação demonstra sobre a mídia no século XXI?

Norval Baitello Junior - Cada espécie

animal possui sua especificidade no uso dos sentidos. Em algumas predomina o olfato; em outras, a audição; outras, a visão. Porém, há tal desenvolvimento e hipervalorização da visão que, por excesso de estímulo, passa a não mais enxergar ou a enxergar seletivamente. Onde predomina um sentido, os outros se retiram ou se retraem. Essa retração dos outros sentidos sobrecarrega ainda mais a visão em nossa civilização ocidental moderna. Uma visão sobrecarregada pode trazer uma crise da percepção visual.

IHU On-Line - Olhar para o passado a fim de compreender melhor o presente. Estaria aí um dos pontos fulcrais da arqueologia da mídia? Por quê?

Norval Baitello Junior - Vilém Flusser foi um dos primeiros pensadores do século XX a alertar para um novo ramo da investigação científica que surgia e se tornava cada vez mais necessário: as ciências arqueológicas. Tais ciências são aquelas que lidam com o “lixo” ou o descarte avassalador de coisas que perderam sua função primordial. Nestas coisas é que pode estar o sentido de nossas vidas, digo assim genericamente. Por isso nasceram tantas novas ciências que têm como meta a escavação e o resgate: a arqueologia, a etologia, a história, a psicanálise etc.

06 de outubro

IHU ideias

Nas fronteiras da lei: o abolicionismo de Louk Hulsman

MS Marco Antônio Scapini e MS Grégori Elias Laitano, integrantes do Instituto de Criminologia e Alteridade - ICA

Informações em www.ihu.unisinos.br